

BRASIL

Economiia Brasil

Editor: Paulo Henrique de Noronha
paulo.noronha@brasileconomico.com.br



COPA DAS CONFEDERAÇÕES

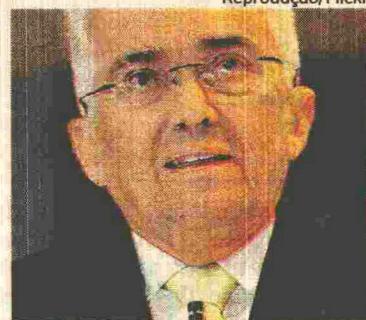
Anac reforça equipe nos aeroportos

A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) vai colocar 220 servidores extras para atender à demanda de passageiros nos dez aeroportos das cidades-sede da Copa das Confederações, que começa sábado. O diretor-presidente da Anac, Marcelo Guarany, disse que os aeroportos já vistoriados pela Agência estão com balcões estruturados para receber eventuais aumentos de fluxo. ABr



No lançamento do Minha Vida Melhor, a ministra Miriam Belchior, o senador Renan Calheiros, Dilma e ministra Gleisi Hoffmann

Roberto Stuckert Filho/PR



“

Cortar investimentos seria uma contradição. E as consequências políticas de uma decisão de cortar as desonerações fiscais são ruins. Seria necessário analisar com muita cautela”

Raul Velloso
especialista em contas públicas

Dilma recorre a Camões para rechaçar críticos da economia

Presidente assegura que governo está com a inflação sob controle. Para ela, os que criticam a condução econômica são “levianos” e advertiu: “Leviandade política é grave, porque afeta não uma pessoa, mas um país”

Edla Lula
elula@brasileconomico.com.br

Recém-chegada de uma viagem a Portugal, a presidente Dilma Rousseff inspirou-se em um personagem de Camões em “Os Lusíadas”, o Velho do Restelo - figura pessimista que a todo instante maldizia as aventuras de Vasco da Gama rumo às Índias - para criticar os “velhos do Restelo” que hoje importunam o governo com maus agouros para a economia.

Ao final do discurso de lançamento do programa Minha Casa Melhor, a presidente, que falava suavemente à plateia, subiu repentinamente o tom quando se dirigiu aos pessimistas do Brasil: “O Velho do Restelo vivia dizendo: ‘Não vai dar certo, não vai dar certo...’. Pois eu queria dizer a todos os brasileiros: não há menor hipótese de que o meu governo não tenha uma política de controle e combate à inflação”. Dilma chamou de “levianos” os críticos à po-

lítica econômica, afirmando: “Leviandade política é grave, porque ela não afeta a pessoa, ela afeta um país”. Segundo a presidente, “a situação real em que o Brasil vive é de inflação sob controle e contas públicas sob controle”.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, não ouviu a defesa da presidente porque ficou em seu gabinete, com assessores, elaborando estratégias para acalmar o mercado. Ontem, esperava-se em alterações na política fiscal, com mudanças que denotem mais controle dos gastos públicos.

Diante do volume de desonerações negociadas com o setor empresarial e com a arrecadação minada, especialistas acreditam que o governo não tem muita margem de manobra para promover um aperto fiscal este ano. “Para fazer ajuste para valer, o governo terá que tirar do caixa. Temo que apele pela fórmula mais tradicional, que é cortar investimentos”, diz Raul Velloso, especialista em contas públicas. O problema é que

“

*Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?”*

Luis Vaz de Camões (1525-1580)

Fala do Velho do Restelo em “Os Lusíadas”

o próprio governo vem defendendo os investimentos como principal instrumento para alavancar a economia. “Vai ser uma contradição lamentável”, alerta Velloso.

Outra alternativa seria cortar os gastos de custeio. “Isto seria pura perfumaria, só para inglês ver”, vaticina Velloso, numa referência à revista britânica “The Economist”, um dos líderes na campanha por alterações na política e na equipe econômica do Brasil. Velloso lembra que o custeio não representa um volume muito elevado nas despesas públicas.

nha por alterações na política e na equipe econômica do Brasil. Velloso lembra que o custeio não representa um volume muito elevado nas despesas públicas.

Pelo lado da receita, existe a possibilidade de suspender algumas desonerações, já que elas significarão renúncia fiscal de R\$ 71 bilhões este ano e de R\$ 91,5 bilhões em 2014. “Mas as conse-

quências políticas de uma decisão como essa são ruins. Seria necessário analisar com muita cautela”, avalia o economista.

Até mesmo a meta de déficit nominal zero foi ressuscitada nos últimos dias. A ideia é defendida pelo economista e ex-ministro Delphim Neto desde o governo Lula, mas nunca emplacou. “O que interessa saber é o tamanho real do superávit, contabilizado corretamente”, defende Raul Velloso.

Em seu entender, a solução para o governo recuperar a credibilidade é a transparência nas contas. Para ele, a origem de toda essa onda de questionamentos sobre a equipe econômica está na decisão de omitir, nos últimos dois anos, a informação de que o superávit seria menor do que a meta proposta.

“No momento em que o governo decidiu que não iria anunciar o superávit menor e optou por fazer uma contabilidade criativa para ocultar isso, surgiu o problema que está estourando agora”, diz o especialista.